

“Bíblia” e “bala”: genealogia da articulação

Notas de pesquisa para Seminários Cenedic

Setembro de 2021

Marina Basso Lacerda

Pesquisadora do Cenedic, Doutra em Ciência Política pelo IESP/UERJ, Pós-Doutoranda do DCP/USP

Jair Messias Bolsonaro encarna, hoje, a aliança “Bíblia-bala”¹. Militar da reserva, deputado federal de 1995 a 2018, constantemente defendeu as ditaduras chilene e brasileira e políticas extremas na área da segurança pública, incluindo a pena de morte e a execução sumária de suspeitos. Mas, se ele sempre foi um punitivista, seu caminho em direção aos evangélicos é mais recente. A partir de 2011 é que começa a liderar a agenda contra a diversidade de gênero, central para a direita cristã. Apenas após anunciar sua pré-candidatura à Presidência do Brasil firmou compromisso definitivo com os pentecostais, batizando-se nas águas do Rio Jordão pelas mãos do Pastor Everaldo, em maio de 2016, no que foi também uma sinalização a Israel (LACERDA, 2020).

Ao lado de diversas forças militares e de segurança (LEIRNER, 2020), a atuação da direita cristã foi decisiva para sua vitória ao posto mais alto da República. Os evangélicos aderiram em peso a Bolsonaro – fizeram-no as principais lideranças, como Silas Malafaia, da Assembleia de Deus, e Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, e a maioria dos membros da respectiva bancada no Congresso Nacional (IG, 2018). Estima-se, com dados do Datafolha (BALOUSSIER, 2018) e do Estudo Eleitoral Brasileiro, que 70% dos votos válidos dos evangélicos foram para o ex-capitão – o que significou uma mudança em relação ao pleito anterior, quando os votos desses religiosos se equilibraram entre PT e PSDB no segundo turno – tendo sido, a mobilização dos evangélicos, “um dos fatores determinantes para a vitória de Bolsonaro” (NICOLAU, 2020, p. 884-950).

FELTRAN (2020) argumenta que o movimento que embasa Bolsonaro é um “movimento militarista policial e anti-intelectualista evangélico”, com protagonismo das “frações policiais e militares, mobilizadas ideologicamente no seio das igrejas”. Para ele, resultante da luta ativa desses grupos em igrejas, grupos de WhatsApp de bairro, centros comunitários, delegacias e batalhões”, está em curso uma “cruzada moral e guerreira, velho-testamentista”.

De onde vem essa relação? Este texto apresenta uma revisão de literatura que se debruça sobre o tema. Este resgate das pesquisas já publicadas insere-se, por sua

¹ “Bíblia”, refere-se, aqui, à direita cristã, conceito adaptado dos Estados Unidos (DIAMOND, 1989), composta majoritariamente por evangélicos, mas também por católicos, sobretudo os carismáticos. “Bala” refere-se à ideologia armamentista, punitivismo (ideologia de punição como solução para problemas sociais, em diferentes medidas – desde encarceramento rígido até execução sumária de suspeitos) e também à parcela conservadora dos meios policiais e militares.

vez, em uma agenda de estudo mais ampla sobre a questão, que compreende investigar: a) a relação entre evangélicos e regime militar (no prelo); b) a relação entre bancadas da segurança e evangélica entre 2003 e 2014 (pesquisa em desenvolvimento); c) a relação entre essas bancadas entre 2015-2018 (LACERDA, 2019) e d) a relação entre essas forças pós-eleição de Bolsonaro, quando a pauta propriamente autoritária retorna ao centro da agenda (pesquisa futura).

O universo das periferias

FELTRAN (2014), em estudo anterior, sustenta que nas periferias das grandes cidades vigem três sistemas normativos. O estatal, o “do crime”, e o religioso/evangélico. O primeiro, do Estado de Direito, é o mais frágil deles – quase não parece como alternativa no cotidiano das comunidades (MANSO, 2020, p. 713). Nas periferias, portanto, o crime e a religião são linguagens quase totalizantes.

É também o que outras autoras constatarem. Nesses espaços sociais onde a insegurança é quase onipresente, os laços gerados pela rede dos evangélicos têm uma dimensão fundamental na rotina (CUNHA, 2008, p. 27), e as igrejas pentecostais incorporam a questão da violência em suas ações e discursos com práticas variadas (GALDEANO, 2014, p. 38). Vejamos.

As igrejas evangélicas abrigam policiais corruptos e bandidos arrependidos, que, aceitando Jesus, poderiam esquecer o passado de guerras” (FELTRAN, 2020). Detentores de reserva moral, resgatam jovens do tráfico (BIRMAN; MACHADO, 2012) e, vestidos de policiais, chegaram a internar usuários de drogas (AUDI, 2020). Atuam em prisões, penitenciárias, delegacias, favelas – regiões permeadas pelos indesejados das cidades (BIRMAN; MACHADO, 2012).

Tão fortes são os universos evangélico e do crime nas periferias, que Magali CUNHA (2008, p. 39, 42-44) observou o fenômeno de traficantes convertidos ao evangelismo. Eles adotam a proteção do “Deus dos Exércitos” em seu cotidiano do crime. Assim, para a autora, o tráfico acaba por alimentar as igrejas, em parte, por aprofundar o sentimento de insegurança na população da favela que, cada vez mais, se refugia nos templos; e por, ao admitirem a autoridade moral e espiritual das lideranças evangélicas, as empoderam².

Essa aliança, evangelismo e “lei-e-ordem” no contexto das periferias, é identificada há mais tempo por PIERUCCI (1989). Ainda na década de 1980, ele percebeu que os evangélicos detectavam, nas camadas social, política, cultural e economicamente desprivilegiadas, um profundo mal-estar decorrente, em parte, do pluralismo comportamental dos estratos sociais mais ricos, e em parte da criminalidade crescente e da insegurança social propriamente dita. Nesses contextos, sustenta o autor, as demandas por “moralidade e decência” transformam-se em questões centrais; operando, os evangélicos, exatamente nessas fissuras, criticando, já então, a política de direitos humanos, colocando-se como os defensores dos “verdadeiros valores”.

² No mesmo sentido, de que as Igrejas evangélicas se fortalecerem precisamente em contextos de violência, ver CORTÉS (2007, p. 25 e 211); MAFRA (1998, p. 349).

Guerra do bem contra o mal

Forças de segurança e religiosas operam com sucesso em contextos periféricos porque conjugam as carências sociais como “faltas morais e espirituais”³. Igrejas evangélicas, de maneira geral, estão imbuídas da ideia de Guerra Espiritual entre o Bem e o Mal, Deus e o Diabo (SANT'ANNA, 2014, p. 220), o que condiz com um imaginário policialesco.

Ana Paula GALDEANO (2014, p. 40, 49, 51) ajuda a entender melhor essa aproximação. Para ela há uma “correlação mimética” entre a ação religiosa – no caso, da Igreja Universal do Reino de Deus – com a ação militarizada das instituições de segurança, que indicaria “práticas reais de relações entre o projeto secular da segurança e o projeto religioso”. A autora explica que a noção de guerra como categoria significativa permite o nexo entre a “Guerra de combate ao crime” e a “Guerra entre Deus e o Diabo”. De acordo com ela, se para a “‘Guerra contra o crime’ importa definir um ‘inimigo’ – traficantes, consumidores de crack, moradores de rua –, as igrejas neopentecostais identificam o ‘inimigo’ no Diabo, que, por sua vez, está frequentemente encarnado no espírito dessas mesmas populações”.

No mesmo sentido, para Magali CUNHA (2021, p. 218), a teologia de um Deus guerreiro e belicoso sempre esteve presente na formação dos evangélicos brasileiros, compondo o seu imaginário e criando a necessidade da identificação de inimigos a serem combatidos.

Policiais e valores religiosos

As mediações entre pentecostais e violência são evidenciadas, ainda, na relação entre religiosos e forças de segurança⁴.

Patrícia BIRMAN (2012, p. 220) identifica, a partir de 2008, no contexto das Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro, que a parceria entre forças militares e cristãos era a tônica, imbuída de um “imaginário de reconquista militar de um território”. Vinicius ESPERANCA (2015) conclui que as UPPs seriam mesmo um projeto religioso: de um lado, porque os militares consideravam o cristianismo como a única religião e a única cosmovisão válida; de outro, porque líderes religiosos viram a “pacificação” para além do crime e do controle de território e populações, mas como uma genuína batalha espiritual contra as forças do mal – uma oportunidade dada por Deus para a expansão do seu Reino, de modo que o complexo fosse “ganho” para Jesus.

³ Aqui empresto a expressão de BIRMAN (2012, p. 218) e de

⁴ Tal fenômeno tampouco é novo. Vejamos o que diz Paul Freston, em pesquisa publicada em 1993: “João de Deus Antunes é representante típico da nova política evangélica, tanto nas preocupações como no estilo. É típico também na maneira de chegar ao Congresso. Filho de operários pertencentes à AD, fez carreira na Polícia Civil, chegando a delegado ao terminar a faculdade de direito (...). Liderou manifestação pública no Salão Verde da Câmara contra o aborto, a pornografia e as reivindicações dos homossexuais. Defendeu a censura de tudo que ‘vise atentar a formação do menor, os valores familiares, religiosos e éticos e a ordem constituída’” (FRESTON, 1993, p. 197-198).

A relação entre forças de segurança e evangélicos se apresenta em outros contextos. A Igreja Universal do Reino de Deus criou, em 2018, o programa Universal nas Forças Policiais, “para atender membros das forças de segurança do País, por meio de palestras preventivas sobre corrupção, ética, drogas, estrutura familiar, casamento e educação dos filhos”⁵, promovendo cultos e atendimentos pastorais, atingindo, em um ano, 275 mil pessoas⁶. A iniciativa teria objetivo de proclamar a pregação e a defesa dos ensinamentos da bíblia sagrada nas forças de segurança pública, forças armadas e órgãos governamentais.⁷

Usando linguagem bélica, a mesma IURD criou, em 2015, o grupo Gladiadores do Altar, com jovens uniformizados, marchando e cantando em formação militar durante um culto religioso em Fortaleza - 4.300 jovens de até 26 anos participam do projeto, criado em janeiro de 2015 (FSP, 2015).

Estudo realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2020) mostra que 56% dos policiais brasileiros que se manifestaram sobre temas religiosos nas redes sociais publicaram seus comentários em páginas e perfis evangélicos. Como aponta Sérgio LIMA (2020), coordenador do Fórum, “ao contrário de outras denominações religiosas, que mantêm certa distância entre fé e política, 48% dos policiais civis, militares e federais que interagem publicamente em ambientes pentecostais concordam com as pautas defendidas por Jair Bolsonaro”.

LIMA (2020) argumenta que “há fundamento teológico nessa defesa de uma ampla delegação de poder e de uso da força aos policiais”, pois muitos veem esses agentes “como guerreiros de Deus, imbuídos da autoridade divina para decidir sobre o que é certo e o que é errado; sobre quem pode ser morto, e quando.” Essa ideia, lembra Lima, tem adesão popular. Em pesquisa do Datafolha, de 2017, 53% dos entrevistados concordaram total ou parcialmente com o enunciado “o policial é um guerreiro de Deus para impor a ordem e proteger as pessoas de bem” (FBSP, 2017, p. 13).

Guerra espiritual e conquista do poder

ORO e TADVALD (2019, p. 57) explicam que as teologias da guerra espiritual e da prosperidade estão intimamente ligadas. Ambas surgiram entre as décadas de 1970 e 1980 no evangelismo norte-americano. De acordo com a teologia da prosperidade, Deus criou seus filhos para serem prósperos e obterem felicidade integral neste mundo, o que depende, porém, da fé, traduzida em doações e ofertas financeiras. Já a teologia da guerra espiritual, por sua vez, como vimos, afirma que o mundo é um campo de batalha entre as forças do bem e do mal. Seriam os demônios que impedem a prosperidade dos fiéis. A “libertação dos demônios” seria, portanto, condição indispensável para a obtenção da prosperidade.

⁵ <https://www.universal.org/noticias/post/voce-ja-conhece-o-trabalho-do-ufp/> acessado em 3/7/2021.

⁶ https://www.youtube.com/watch?v=IWbqjTm_KRQ&feature=emb_logo acessado em 3/7/2021

⁷ <https://www.facebook.com/UFPBrasil/> acessado em 3/7/2021

Mas, mais além do que batalhar contra os demônios que são os bandidos, a noção de “guerra espiritual”, aponta GUADALUPE (2020, p. 53), tem servido para fundamentar a relativa nova ênfase dos pentecostais na participação política. A guerra espiritual permite que os “guerreiros da oração” – ou seja, os líderes religiosos – passem da posição tradicional e defensiva de resistência e rejeição do mundo a uma ofensiva contra o demônio no espaço público.

A teologia da guerra espiritual, assim, permite a teologia do domínio, ou “reconstrucionismo”, tendência do movimento evangélico latino-americano – proveniente, também, do evangelismo norte-americano – que pretende entrar na esfera política e trabalhar pela conquista do poder. Essa seria a face política da teologia da prosperidade, “que prega que os cristãos estão predestinados a ocupar posições de comando neste mundo: presidência do país, ministérios, prefeituras, parlamentos” (GUADALUPE, 2020, p. 54).

Não só os líderes devem exercer esse comando, mas os fiéis devem comportar-se como soldados. Veja-se a Marcha para Jesus, na qual o coletivo de fiéis comporta-se como um “verdadeiro ‘exército de Jesus’ com suas armas de ‘louvor’ e ‘oração’” -- sendo que a expressão “exército de Jesus” aparece inclusive em uma linha de blusas camufladas que se tornou popular e é facilmente encontrada em lojas de produtos voltados para os evangélicos. (SANT’ANNA, 2014, p. 221, 229).

Conquista do poder: o Parlamento

Quadros e Madeira defendem que a outrora direita envergonhada – ou seja, a direita que não se assumia enquanto tal, devido ao legado da ditadura militar (PIERUCCI, 1987) – estaria sendo superada pela atuação da bancada evangélica e da “bancada da bala”⁸ (QUADROS; MADEIRA, 2018, p. 488).

Considerando entrevista com Vitor Nosseis, fundador do Partido Social Cristão (PSC, ligado às Assembleias de Deus) – que defende o Golpe de 1964 e que critica a agenda de promoção dos direitos LGBT –, os autores aventam que, após três décadas de “direita envergonhada”, lideranças evangélicas “encontraram na agenda moral o veículo a partir do qual tentam mobilizar a identidade de direita, instrumentalizando-a politicamente” (QUADROS; MADEIRA, 2018, p. 498).

Analisando os discursos proferidos na Câmara entre 2010 e 2017, os autores localizam deputados mais ativos no resgate dos conceitos de direita e de conservadorismo, e nos ataques à esquerda. Os autores chamam esse conjunto de “elite da direita não envergonhada”, todos eles pertencentes à bancada evangélica, à bancada da bala, ou a ambas (QUADROS; MADEIRA, 2018, p. 513).

Para eles, à semelhança do que ocorre com os pastores que migram dos “cultos” para o plenário, policiais e militares se convertem em deputados a fim de labutar pela preservação de valores/interesses comuns, freando pautas ordinariamente suscitadas

⁸ Para (FAGANELLO, 2015) a “Bancada da Bala é a representante política de um conjunto de ideias e atitudes, que se fundamentam na percepção de que o contexto social está marcado por uma crescente e constante insegurança e desordem pública radical. (...). Haveria um excesso de liberdade e uma perda de autoridade das instituições, sustentada pela incapacidade das leis democráticas e do Estado de Direito de promover a ordem”.

por grupos de direitos humanos (e progressistas de um modo geral). Assim, o *modus operandi* da bancada da bala igualmente considerá-la como um autêntico grupo de pressão conservador (QUADROS; MADEIRA, 2018, p. 505).

Conclusão

Considerando a bibliografia mobilizada, há dois elementos que ligam “a Bíblia” e “a bala”. O primeiro elemento é a linguagem evangélica e a linguagem da segurança serem quase onipresentes nas periferias e nos espaços ocupados pelos indesejados. As carências sociais e econômicas são representadas por fragilidades espirituais e morais, que, devem, então, ser combatidas pela religião e pela força.

O segundo elemento é a noção de guerra espiritual, que alinha várias faces desse quebra-cabeças. Na guerra contra o demônio, ou contra o mal, o inimigo é identificado com os traficantes, os bandidos, os usuários de drogas. A identificação dos policiais com o Deus guerreiro e belicoso e seus soldados, por outro lado, fundamenta a ampla delegação de poder a esses agentes.

Uma derivação da teologia da guerra espiritual é a teologia do domínio ou reconstrucionismo. Os guerreiros da oração devem promover uma ofensiva contra o demônio no espaço público; devem ocupar posições de poder. Ocupando essas posições no Congresso Nacional, os membros da bancada evangélica e da bancada da bala seriam hoje protagonistas de uma nova direita desavergonhada, mobilizando a pauta moral e contra as agendas suscitadas por grupos de direitos humanos para mobilizar a identidade da direita.

E então parece que um ciclo se fecha. Foi também a luta contra o demônio comunista que a parte hegemônica dos evangélicos mobilizaram-se a favor do regime militar instaurado em 1964 no Brasil (BAPTISTA, 2007; CAMPOS, 2014; CHESNUT, 1997; SANTOS, 2005). E o ciclo se fecha porque a ameaça comunista volta, recentemente, com toda força ao centro do debate, sendo, novamente, uma categoria mobilizadora da direita.

É uma cosmovisão que tem muita força. É uma cosmovisão que tem muita força. Se a classe, o gênero e a raça nos dividem, uma só teologia, um só Deus, nos unificam FELTRAN (2020). Em um mundo de constante mudança, as respostas baseadas em autoridade, na família e em princípios religiosos delimitados oferece conforto. As incertezas relacionadas à saúde, moradia, educação, desemprego e violência urbana são compensadas com as ideias de pulso forte e de hierarquia. A inclusão social pela via programática estatal parecer complexa e difícil de alcançar. Já as respostas baseadas na religião e na autoridade são imediatas e plenas de sentido.

Referências bibliográficas

AUDI, A. Pastores fingem ser PMs para internar usuários de drogas à força em Brasília. **The Intercept**, Disponível em: <https://theintercept.com/2020/08/05/pastores-fingem-ser-pm-brasilia-batalhao-patrolha-paz/>.

BALOUSSIER, A. V. Com 60%, Bolsonaro mais que dobra vantagem sobre Haddad entre evangélicos, diz Datafolha. **Folha de S. Paulo**, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/com-60-bolsonaro-mais-que-dobra-vantagem-sobre-haddad-entre-evangelicos-diz-datafolha.shtml>.

BAPTISTA, S. d. T. C. **Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: A presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999 a 2006)**. 2007. (Tese de doutorado) -, Universidade Metodista de São Paulo.

BIRMAN, P. Cruzadas pela paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro. **Religião & Sociedade**, 32, n. 1, p. 18, 2012.

BIRMAN, P.; MACHADO, C. A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 27, n. 80, p. 14, 2012.

CAMPOS, L. S. Os Evangélicos, o Golpe e a Ditadura: O Irresistível Canto das Sereias Autoritárias. *In*: DIAS, Z. M. (Ed.). **Memórias Ecumênicas Protestantes - Os Protestantes e a Ditadura: Colaboração e Resistência**. Rio de Janeiro: KOINONIA Presença Ecumênica e Serviço, 2014.

CHESNUT, R. A. **Born Again in Brazil: The Pentecostal Boom and the Pathogens of Poverty**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997.

CORTÊS, M. **O bandido que virou pregador: a conversão de criminosos ao pentecostalismo e suas carreiras de pregadores**. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2007.

CUNHA, C. V. d. "Traficantes evangélicos": novas formas de experimentação do sagrado em favelas cariocas. **Plural**, 15, n. 0, p. 13-46, 12/01 2008.

CUNHA, M. d. N. Politics and Religion in Contemporary Brazil: The Neoconservative Turn in Evangelical Christianity. *In*: BIANCHI, B.; CHALOUB, J., *et al* (Ed.). **Democracy and Brazil: Collapse and Regression**. New York and London: Routledge, 2021. p. 18.

DIAMOND, S. **Spiritual Warfare: The Politics of the Christian Right**. Boston: South End Press, 1989.

ESPERANCA, V. 'O Complexo para Jesus': exército e religião na ocupação militar do Complexo do Alemão. **Métis (UCS)**, 14, p. p. 219-248, 2015.

FAGANELLO, M. A. Bancada da Bala: uma onda na maré conservadora. *In*: VELASCO E CRUZ, S.; KAYSEL, A., *et al* (Ed.). **Direita, volver!: o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2015. p. 145-162.

FBSP, F. B. d. S. P. O Medo da Violência e o Apoio ao Autoritarismo no Brasil. Disponível em: https://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/10/FBSP_indice_propensao_apoio_posicoes_autoritarios_2017_relatorio.pdf.

FBSP, F. B. d. S. P. Política e fé entre os policiais militares, civis e federais do Brasil. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/publicacoes_posts/politica-e-fe-entre-os-policiais-militares-civis-e-federais-do-brasil/.

FELTRAN, G. d. S. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Caderno CRH [online]**, v. 27, n. 72, p. pp. 495-512, 2014.

FELTRAN, G. d. S. Formas elementares da vida política: sobre o movimento totalitário no Brasil (2013-). **Novos Estudos CEBRAP - Blog**, 2020.

FRESTON, P. **Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment**. 1993. (Doutorado) - Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

FSP, F. d. S. P. Igreja Universal retira vídeo do ar que mostra jovens 'gladiadores' em culto. **Folha de S. Paulo**, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1598055-igreja-universal-retira-video-do-ar-que-mostra-jovens-gladiadores-em-culto.shtml>.

GALDEANO, A. P. Salmo 127, versículo 1: ativismo religioso e ordenamentos da segurança em uma periferia de São Paulo. **Religião & Sociedade**, 34, p. 38-60, 2014.

GUADALUPE, J. L. P. Brasil e os novos atores religiosos da política latino-americana. *In*: GUADALUPE, J. L. P. e CARRANZA, B. (Ed.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 117-110.

IG. Após ruralistas, bancadas evangélica e da bala sinalizam apoio a Bolsonaro. IG. 2018.

LACERDA, M. B. **O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro**. Porto Alegre: Zouk, 2019.

LACERDA, M. B. Jair Bolsonaro: a agenda defendida em sua trajetória política. *In*: GUADALUPE, J. L. P. e CARRANZA, B. (Ed.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos do século XXI**. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

LEIRNER, P. **Brasil no espectro de uma guerra híbrida: Militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica.** São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

LIMA, R. S. d. A bíblia e a bala: Nas polícias, setores evangélicos pentecostais dão sustentação às posições mais radicais do bolsonarismo. **Piauí**, Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/biblia-e-bala/>.

MAFRA, C. Drogas e símbolos: redes de solidariedade em contextos de violência. *In*: ALVITO, M. e ZALUAR, A. (Ed.). **Um século de favela.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MANSO, B. P. **A república das milícias: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro.** Edição Kindle. ed. Todavia, 2020.

NICOLAU, J. **O Brasil dobrou à direita: Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018.** Kindle Edition ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

ORO, A. P.; TADVALD, M. Consideraciones sobre el campo evangélico brasileño. **Nueva Sociedad**, 280, p. 12, 2019.

PIERUCCI, A. F. As bases da nova direita. **Novos Estudos CEBRAP**, 19, p. 26-45, 1987.

PIERUCCI, A. F. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. *In*: ANPOCS, A. N. d. P.-G. e. P. e. C. S. (Ed.). **Ciências Sociais Hoje.** São Paulo: Vértice/Editora Revista dos Tribunais, 1989. p. 104-132.

QUADROS, M. P. d. R.; MADEIRA, R. M. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, 24, p. 486-522, 2018.

SANT'ANNA, R. O som da Marcha: evangélicos e espaço público na Marcha para Jesus. **Religião & Sociedade**, 34, p. 210-231, 2014.

SANTOS, L. d. A. O púlpito, a praça e o palanque: os evangélicos e o regime militar brasileiro. *In*: FREIXO, A. d. e MUNTEAL FILHO, O. (Ed.). **A ditadura em debate: Estado e sociedade nos anos do autoritarismo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.